

HISTÓRIA, LITERATURA E REVOLUÇÃO: A. GRAMSCI E G. T. DI LAMPEDUSA¹

José Antonio SEGATTO²

- RESUMO: Literatura e história distinguem-se tanto pelo discurso quanto pelas diferentes formas de abordagem e compreensão do ser social e do processo histórico. Não obstante serem de natureza e modalidades distintas, ambas produzem conhecimento, além de representações aproximativas, confluentes e complementares. Exemplos dessa aproximação são as obras de A. Gramsci (*Il Risorgimento*) e de G. di Lampedusa (*Il Gattopardo*); a primeira, de análise histórico-política e a segunda, de ficção. Ambas tratam do mesmo período e processo histórico: o *Risorgimento* ou a construção do moderno estado-nacional italiano desencadeada em 1860.
- PALAVRAS-CHAVE: Literatura; história; revolução passiva; estado-nacional italiano; aristocracia; burguesia; transformismo.

Introdução

Literatura e história distinguem-se tanto pelo discurso quanto pelas diferentes formas de abordagem e compreensão do ser social e do processo histórico. Nas análises elaboradas e/ou construídas pela historiografia, a realidade é reproduzida abstratamente no plano do pensamento (como concreto pensado) tal como, de modo aproximado, ela é ou se deu por meio de conceitos, categorias, alusões, comparações; na literatura, ela é criada ou recriada, imaginada ou fantasiada, inventada ou reinventada artisticamente, através de metáforas, figuras, símbolos, alegorias. Embora sejam de natureza e modalidade distintas, ambas produzem conhecimento, além de representações aproximativas, confluentes e complementares. Se a literatura contribui para desvendar aspectos (singulares) das relações sociais, impossíveis de serem captadas pela historiografia, esta, por sua vez, fornece elementos e subsídios fundamentais para a compreensão da obra de arte literária e do próprio processo histórico.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no *Tercer Simposio Internacional do Centro de Estudios de Narratología na Facultad de Derecho y Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires* – Argentina (21 a 23-07-2004).

² Departamento de Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP – segatto@fclar.unesp.br

O Risorgimento

Exemplares dessa aproximação entre literatura e história são as obras de autoria de Antônio Gramsci³ – *Il Risorgimento* – e de Giuseppe Tomasi di Lampedusa⁴ – *Il Gattopardo* –; a primeira, de análise histórico-política (elaborada nos anos trinta do século passado) e a segunda, de ficção (escrita na década de cinqüenta). Ambas tratam do mesmo período e processo histórico: o *Risorgimento* ou a construção do moderno estado-nacional italiano, desencadeado por volta de 1859/61, completado em 1870, com desdobramentos que se estendem até, pelo menos, o início do século XX.

A partir de 1848, inicia-se um movimento pela unificação italiana – o território e a sociedade da Itália estavam divididos em vários reinos sob a tutela do Império Austríaco e da Igreja, com exceção do Reino Piemonte-Sardenha. Derrotado em 1848, o movimento ganhou força sob o comando do Piemonte, governado pela casa de Savóia e, entre 1859 e 1861, após várias campanhas militares (G. Garibaldi, em 1860, com um exército de voluntários toma a Sicília e depois, Nápoles) e negociações políticas (com Napoleão III da França) quase toda a Itália tornou-se unificada sob o domínio do Piemonte. O processo é completado em 1870 com a anexação dos estados papais, Roma e Veneza. Em 1861, foi proclamada a unidade do reino da Itália e Victor Emmanuel II, seu rei; Cavour, o 1º ministro e o estatuto piemontês foi considerado como constituição nacional.

Durante o processo de unificação, duas tendências político-diretivas apresentaram-se: de um lado, o Partido Moderado, dirigido por Cavour e Victor Emmanuel II e, de outro, o Partido da Ação, liderado por G. Mazzini e G. Garibaldi. O primeiro defendia a monarquia e o estado como ampliação do reino de Piemonte; o segundo propugnava uma república unitária. Vitoriosos, os moderados estabeleceram a unidade nacional como movimento de conquista régia da dinastia piemontesa. Na

³ Originário da Sardenha (1891), em 1911 mudou-se para Turim para estudar Lingüística na universidade, onde entrou em contato com as teorias de Marx, Lenin e outros revolucionários, tornando-se dirigente do Partido Socialista. Em 1917 publicou o artigo “A revolução contra *O capital*”, organizou os conselhos de fábrica e fundou seu porta voz: *L'Ordine Nuovo* (1919). Com outros revolucionários fundou, em 1921, o Partido Comunista Italiano, do qual viria a se tornar dirigente máximo e principal formulador teórico-político. Em 1924, foi eleito deputado pelo PCI e no parlamento fez duras críticas a Mussolini e ao seu regime fascista. No ano de 1926, foi preso, sendo libertado somente poucos dias antes de falecer (27/04/1937). Depois de onze anos nas prisões fascistas, e não obstante todas as agruras e adversidades, deixou um legado excepcional. Os *Cadernos* de notas que redigiu no cárcere, publicadas a partir de 1948, tornaram-se uma obra clássica das ciências sociais e da teoria política, entre eles, *Il Risorgimento*.

⁴ Príncipe de Lampedusa (1896-1957), originário de família nobre da Sicília, foi oficial militar e participou, enquanto tal, das duas grandes guerras mundiais. Dedicou-se ao estudo de literatura em várias línguas (italiana, francesa, inglesa, alemã e russa) e colaborou durante certo período da década de vinte na revista cultural *Le Opere e i Giorni de Gênova*. Escreveu um único romance, *Il Gattopardo*, em 1955, dois anos antes de falecer em Roma. O romance foi publicado pela Feltrinelli em 1958, após ter sido recusado por duas editoras. Imediatamente bem sucedido, o romance causou muita polêmica na Itália e, pouco tempo depois, foi adaptado para o cinema por Luchino Visconti e o filme consagrou-se internacionalmente.

ausência de uma classe burguesa com um projeto político hegemônico, o estado do Piemonte assumiu a função dirigente, substituindo a classe dominante no protagonismo do processo histórico-político (GRAMSCI, 2002, p.399).

Revolução sem revolução

Uma das categorias que Gramsci utilizou para entender o processo do *Risorgimento* é particularmente significativa: trata-se da “revolução passiva”, sobre a qual se travam aceras disputas entre acadêmicos e estudiosos, marxistas ou não. Originalmente, essa categoria foi empregada por um historiador napolitano, Vincenzo Cuoco, para definir a breve experiência da república em sua cidade, no final do século XVIII, embebida por idéias “francesas” (GRAMSCI, 2002, p.45). Como se sabe, a república foi afogada em sangue por uma aliança entre as massas rurais, a plebe urbana, a parte conservadora da nobreza e, especialmente, o clero. A debilidade da república, segundo Cuoco, tinha residido no fato de não ter sido uma revolução “ativa”, como o grande modelo francês, deixando-se confinar entre as camadas intelectualizadas e perdendo contato com as camadas mais amplas do povo.

Gramsci retoma e modifica o conceito de revolução passiva. Aplica-o ao *Risorgimento* no sentido de que, também na construção do moderno estado italiano, as elites políticas e econômicas não tinham sido capazes de obter **hegemonia** no sentido pleno da palavra: receosas do radicalismo da experiência francesa, não incluíram as reivindicações populares e camponesas em seu programa. O Estado unitário e monárquico que legaram estava institucionalmente vazio de povo. As lideranças da “esquerda” (Mazzini e Garibaldi), nesse mesmo processo, permaneceram subalternas ao dirigente moderado (Cavour), apesar do radicalismo ocasional e do heróico ativismo garibaldino:

a afirmação atribuída a Vitor Emmanuel II de ‘ter no bolso’ o Partido da Ação, ou algo semelhante, é praticamente exata, e não só pelos contatos pessoais do Rei com Garibaldi, mas porque, de fato, o Partido da Ação foi dirigido ‘indiretamente’ por Cavour e o Rei. (GRAMSCI, 2002, p.62)

Não souberam compreender o processo em sua totalidade, não entenderam os movimentos dos adversários políticos e, portanto, contribuíram para reforçar o caráter “passivo” do *Risorgimento*.

No desenvolvimento do *Risorgimento*, o chamado Partido de Ação tinha uma atitude ‘paternalista’ e, por isso, não conseguiu, a não ser em medida muito limitada, pôr as grandes massas populares em contato com o estado. O chamado ‘transformismo’ é tão-somente expressão parlamentar do fato de que o Partido da Ação é incorporado molecularmente pelos moderados e as massas populares são decapitadas, não absorvidas no âmbito do novo Estado [...] de fato, a [...]

solução destes problemas tornou possível o *Risorgimento* nas formas e nos limites em que ele se realizou, sem ‘terror’, como ‘revolução sem revolução’, ou seja, como ‘revolução passiva’. (GRAMSCI, 2002, p. 93 e 63).

Revolução passiva ou “revolução sem revolução” ou ainda “revolução-restauração”, para Gramsci, ao contrário da revolução realizada a partir “de baixo”, de caráter jacobino, implica dois momentos básicos: o da “restauração” (como reação a qualquer possibilidade de transformação radical) e o da renovação (incorporação, pelas classes dominantes, das reivindicações das classes dominadas). Logo, trata-se de uma revolução feita por meio de modificações moleculares, que só progressiva e lentamente promovem mudanças parciais, através do transformismo, e que “na realidade modificam progressivamente a composição anterior das forças e, portanto, transformam-se em matriz de novas modificações” (GRAMSCI, 2002, p.317).

Naturalmente, se o estado italiano se mostrava incapaz de incorporar plenamente os “de baixo” a seus mecanismos institucionais, mostrava-se também impotente para achar soluções progressistas para o desenvolvimento econômico do país. Isso tudo era reflexo do *déficit* de hegemonia por parte das elites dirigentes.

Eles diziam se propor a criação do Estado moderno na Itália e produziram algo bastardo, se propuseram suscitar uma classe dirigente difusa e enérgica e não conseguiram, inserir o povo no quadro estatal e não conseguiram. A mesquinha vida política de 1870 até 1900, a rebeldia elementar e endêmica das classes populares, a existência tacanha e penosa de uma camada dirigente cética e pusilânime são a consequência daquela deficiência: assim como é sua consequência a posição internacional do novo Estado, destituído de autonomia efetiva porque minado internamente pelo Papado e pela passividade animosa das grandes massas [...]. Assim, na realidade, os direitistas do *Risorgimento* foram grandes demagogos: eles fizeram do povo-nação um instrumento, um objeto, degradando-o, e nisto consiste a demagogia máxima e mais desprezível...(GRAMSCI, 2002, p.105).

Isso tudo implicou a organização de um estado robusto e enérgico em prejuízo de uma sociedade civil fluida e aviltada, com o predomínio de formas coercitivas de dominação em detrimento de formas hegemônicas e diretivas. Estava aberto, assim, o caminho para a estéril retórica nacionalista de direita e para as aventuras colonialistas como suposta saída para o drama das empobrecidas populações rurais; fundamentalmente, com a falta de capacidade hegemônica, estava aberto o caminho para o recurso à força e à violência quando se apresentasse uma conjuntura de crise “orgânica”. O fascismo foi a prova mais clara desse caráter insuficientemente democrático da formação e do funcionamento do estado na Itália.

Ficção e política

Lampedusa, de forma diversa, artisticamente, por meio da ficção, versa sobre o mesmo fenômeno ou processo. Ao encenar o complexo quadro histórico-social da Itália, faz, ao mesmo tempo, uma configuração e uma reconfiguração de um dado período histórico de intensa transformação, transpondo para a ficção a memória e a história, compondo uma verdadeira síntese épica. *O Leopardo*, título do romance, effigie do príncipe da família de Salina da Sicília, é o símbolo que sintetiza a violência, a altivez e a sensualidade de uma dinastia de déspotas e senhores de terras e do destino de gentes.

O romance tem início em 1860 e se estende até 1910, momento do desembarque das tropas rebeldes de Garibaldi no porto de Sédara na Sicília. Os fatos e processos são narrados pelo personagem central Fabrízio (príncipe de Salina, inspirado no avô materno do autor), com lúcida impassibilidade e distância, realismo e lástima, ironia e crítica. Com serenidade estilística, o autor constrói situações e personagens que aparentam estar superpostas no espaço e no tempo e, em muitos momentos e passagens do romance, parecem mesmo contrariar o narrador. Os acontecimentos narrados resultavam na Itália unificada, como estado-nação marcado por transformações de uma tardia revolução burguesa e pelo desenvolvimento capitalista específico. Trata-se de um processo dirigido por setores da classe dominante no sentido de manter as mudanças em curso sob controle, gradualmente, sem rupturas e transtornos. Lampedusa narra com rara maestria os acontecimentos; caso lapidar é o diálogo do príncipe com seu sobrinho-herdeiro Tancredi, que adere às tropas de Garibaldi para impedir que as mudanças saíssem do controle e implicassem rupturas e participação ativa das classes subalternas. Tancredi diz ao príncipe: “Se nós não estivermos lá, eles farão uma república. Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude” (LAMPEDUSA, 1963, p.32).

Num outro diálogo, um burguês em ascensão diz ao príncipe: “Tudo vai melhorar, creia-me, Excelência. Os homens honestos e habilidosos poderão progredir. O resto ficará como dantes” (LAMPEDUSA, 1963, p.32).

Mais à frente, o príncipe, prevê parcimoniosamente o que iria acontecer:

Negociações ao ritmo de descargas inofensivas. Depois tudo ficará na mesma, embora tudo tenha mudado [...] muita coisa iria acontecer mas tudo seria uma comédia; uma ruidosa e romântica comédia com algumas gotas de sangue nas roupas burlescas. A Itália era o país dos reajustamentos, não havia nela a fúria francesa [...] Querem apenas tomar nosso lugar com doçura, com boas maneiras, metendo-nos no bolso alguns milhares de ducados [...]. Porque tudo fica na mesma. No fundo dá na mesma, apenas com uma insensível substituição de classes. (LAMPEDUSA, 1963, p.35; 37-8).

Procurando evitar mudanças bruscas ou radicais, as velhas forças dominantes, a nobreza fundiária (agora com um verniz liberal), aderem aos “revolucionários”, aos adversários, para mantê-los sob controle, manipulá-los e antecipar-se aos seus movimentos, e sobreviver: mudar tudo para não mudar nada, manter posições e interesses; sacrificar a velha ordem para manter seus privilégios.

A burguesia composta pelos novos ricos, representada no romance pelo personagem dom Calogero Sedára, que teve “rápida ascensão da fortuna” (LAMPEDUSA, 1963, p.58), faz casar sua filha Angélica com o jovem herdeiro da casa de Salina, Tancredi, “exemplar de jovem aristocrata [...] capaz de trocar com grandes vantagens os seus sorrisos e títulos pelas graças e riquezas alheias” (LAMPEDUSA, 1963, p.112). Esse é um exemplo típico da fusão sócio-política da burguesia ascendente com a nobreza fundiária. Nesse processo, a velha aristocracia incorpora concepções e *status* da nova classe dominante e essa, por sua vez, imbuí-se dos modos de vida e de elementos psicossociais daquela – há um aburguesamento da nobreza e uma aristocratização da burguesia.

A resultante foi o *aggiornamento* do processo, ou seja, mantinham-se elementos pretéritos, porém atualizados, modificados com novos componentes; renovava-se preservando; combinando mudança com conservação, transformação com continuidade, conciliando o velho e o novo, o presente continuava fortemente impregnado pelo passado. Assim, utilizando-se de uma determinada forma de composição narrativa (a síntese romanesca), Lampedusa expõe a desintegração do velho regime (feudal/absolutista) e o nascimento da nova sociedade (burguesia/capitalista) que levaria à criação de uma diversa constelação social e de outra ordem política a partir de transformações moleculares e modificações capilares.

Utilizando-se de uma metáfora, o príncipe define o caráter do *Risorgimento*, através da caracterização de dom Calogero Sedára, personagem deselegante (que veste um fraque de tecidos finos, mas desalinhado e de péssimo corte), provinciano, abastardado, porém muito astuto, ganancioso e sem nenhum escrúpulo; enquanto tal, simboliza um tipo excepcional de representante máximo de uma tendência social, o filisteísmo burguês: “A revolução burguesa que subiu as suas escadas no fraque de dom Calogero” (LAMPEDUSA, 1963, p.79).

O compromisso entre as velhas e novas classes dominantes, por meio da conciliação e de concessões mútuas, é caracterizado na narrativa quando o príncipe de Salina é convidado a integrar o senado do novo estado italiano; ele rejeita prontamente o convite, alegando ser “representante da velha classe”, comprometido com o velho regime, além de “privado de ilusões”, requisito essencial “a quem queira guiar os outros” (LAMPEDUSA, 1963, p.147). Sugere ao representante do poder central, para ocupar o posto, o novo rico Calogero Sedára, bronco mas cheio de astúcia: “Mais do que aquilo que o senhor chama de prestígio, ele tem o poder [...]

ilusões não creio que as tenha mais que eu, mas é bastante esperto para saber criá-las quando necessário” (LAMPEDUSA, 1963, p.148).

Aqui o personagem constata consciente e resignadamente que os rumos da história não comportavam nenhuma possibilidade de manutenção do *status quo*: mais dia, menos dia, o antigo regime, de que era fiel representante, iria perecer; uma época histórica estava sendo superada. Tendo clareza do que significavam aqueles acontecimentos, sente-se impotente diante deles e da missão histórica de sua classe; destituído de esperança e “privado de ilusões”, restava-lhe a resignação, como se estivesse diante de uma circunstância de fatalidade histórica; percebe com lúcida clareza que sua hora (da aristocracia) havia soado e que se fazia necessário passar o cetro ou a primazia para os novos atores.

No novo regime, o prestígio perde força, substituído pelo poder do capital. A aliança e a fusão da nobreza fundiária com a burguesia atendem às conveniências de ambas. Os novos burgueses adquirem propriedades fundiárias e títulos nobiliárquicos; a nobreza fundiária investe no comércio, na especulação e em outros negócios. As classes subalternas continuam excluídas, subjugadas e oprimidas, tanto na cidade como no campo.

Dessa forma, Gramsci e Lampedusa através da história e da literatura aproximam-se na compreensão e na narração do mesmo processo de uma revolução sem revolução ou de transformação e conservação. Assim, a literatura (como a história), consegue desvendar e iluminar aspectos, muitas vezes velados da realidade histórica: nesse sentido, mesmo com linguagens e formas (artística e “científica”) distintas, ambas têm uma função cognitiva fundamental. Isso não significa que a representação artística seja simples reprodução (ou reconfiguração) da realidade. Ela tem necessariamente uma dinâmica própria, ou ainda, não significa, de maneira alguma, que “o romance simplesmente possa refletir a realidade tal como ela se apresenta de imediato ou empiricamente” (LUKÁCS, 1976, p.115). Portanto, o conhecimento criado pela literatura não pode ser automaticamente identificado com aquele gerado pela história:

Como já Aristóteles observara, não interessa ao artista o que efetivamente ocorreu, a singularidade em sua nudez factual; interessa-lhe sobretudo o que poderia – e, dada certas condições, até mesmo deveria – ter ocorrido. Em outras palavras: a arte autêntica não figura a realidade imediata, mas sim o ‘verossímil’, aquilo que Hegel chamou de ‘possibilidade objetiva’, que é um modo ontológico mais essencial e mais profundo da realidade como um todo. Por outro lado, a grande arte não apenas reproduz o real, como ocorre nas ciências (inclusive na história), mas também – e simultaneamente – avalia e julga a realidade a partir de um ponto de vista genericamente humano... Assim, quando um fato histórico aparece em uma obra de arte, o que interessa não é saber se os seus detalhes estão fielmente reproduzidos, mas até que ponto o artista representou

corretamente a relação entre esse fato histórico (entendido em sua dimensão essencial, universal concreta) e o desenvolvimento do gênero humano. (COUTINHO, 1990, p. 106)

SEGATTO, José Antonio. History, literature and revolution: A. Gramsci and G. T. di Lampedusa. **Itinerários**, Araraquara, n. 22, p.205-212, 2004.

- *ABSTRACT: The differences between literature and history are due not only to their specific subjects but also to distinct ways of approaching and understanding social beings and the historical process. In spite of these differences both bring forth knowledge and representations that are related or complementary to each other. This close relation can be seen in works such as “Il Risorgimento” by A. Gramsci and “Il Gattopardo” by G. di Lampedusa, the first being a historical and political analysis, the other, a novel. Nevertheless both discuss the same historical period and process: the Risorgimento, or the construction of the modern Italian national state, which began to develop in 1860.*
- *KEYWORDS: Literature; history, passive revolution; Italian national-state; aristocracy; bourgeois; transformism.*

Referências

COUTINHO, C. N. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre idéias e formas. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

GRAMSCI, A. **O Risorgimento**: notas sobre a Itália. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LAMPEDUSA, G. T. di. **O Leopardo**. 3.ed. Tradução de Rui Cabeçadas. São Paulo: DIFEL, 1963.

LUKÁCS, G. **La novela histórica**. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1976.

■ ■ ■